

## **SÁBADO SANTO: “descer” com Jesus aos “infernos” interiores e sociais**

**“Depois, as mulheres voltaram para casa e preparam perfumes e bálsamos” (Lc 23,56)**

**\* Como se pode passar da SEXTA-FEIRA SANTA ao primeiro DIA da semana sem unir-nos a Cristo no SÁBADO SANTO?**

É o **Sábado Santo** de um credo pascal que sabe que *amanhã* florescerá a messe. Submergido no **sepulcro** do Senhor, espera-se simplesmente.

Ao sentir a própria incapacidade de levar adiante a exigência do Evangelho, o(a) seguidor(a) de Jesus se apresenta **no** sepulcro de onde pode irromper a **força transformadora** da manhã da Ressurreição.

Nossa experiência, como cristãos e como seres humanos, se parece bastante à experiência do **Sábado Santo**. Não é uma experiência de morte, como a da Sexta-feira Santa; não é tampouco uma experiência de luz, nem de vida, como a do domingo de ressurreição. O Sábado Santo é o dia da ausência e do vazio, o dia do luto, o dia das dúvidas e também das esperanças. É terra de penumbra, tempo de vigília. É um caminho que nos afasta da morte, mas não sabemos para onde nos leva. O Sábado Santo oferece duas possibilidades: ou habituar-nos à ausência, ou arriscar-nos a esperar o “desconhecido”.

O **sepulcro** é o lugar do silêncio e da espera, onde parece que nada acontece. Há muitos espaços em nosso mundo e em nosso interior que se assemelham a este; muitos lugares onde temos a sensação de apalpar a derrota e o fracasso. Pois bem, esse sepulcro onde jaz a Vida a ponto de explodir, onde a Palavra espera para voltar a ser proclamada com nova força, é hoje o **ícone de esperança** para todas essas realidades vencidas e atravessadas, que continuam esperando que se faça a **luz**. Ensina-nos a sentir que, embora não a vejamos, a pedra que cobre tantas realidades está a ponto de romper-se.

Aqui evocamos a palavra talvez mais estranha e misteriosa do Credo: **“desceu aos infernos”**, ao lugar onde todos os humanos estão unidos no destino comum da morte. Jesus penetrou nesse abismo, chegando assim ao que a Igreja chama “os infernos”, o sub-mundo da morte.

O Credo afirma que Jesus “desceu” ao lugar ou estado desse inferno, para libertar os humanos da morte, oferecendo-lhes sua ressurreição (a tradução em português do Credo afirma: *“desceu à mansão dos mortos”*). Dizendo que **“desceu aos infernos”** o Credo destaca o abismo de dureza, destruição e morte onde Jesus revelou sua máxima solidariedade com os humanos.

Dessa forma Ele se fez solidário com os mortos, radicalmente. Só é solidário quem assume a situação dos outros. Descendo até à tumba, sepultado no ventre da terra, Jesus se converteu no amigo daqueles que morrem, iniciando, precisamente ali, o caminho ascendente da vida.

Jesus penetrou no abismo da morte e sua presença solidária removeu as entranhas do inferno, como diz Mt 27, 51-52: *“a terra tremeu e as pedras se partiram, os túmulos se abriram e muitos corpos dos santos falecidos ressuscitaram”*. Dessa forma, realizou radicalmente sua missão messiânica.

Jesus já tinha descido ao inferno dos loucos, enfermos, violentados pela miséria, aqueles que estavam angustiados pelas forças do abismo; assumiu a impotência daqueles que padeciam e pereciam arrastados pelas forças opressoras da terra, chegando dessa forma até o inferno da morte.

Havia sobre o mundo outros infernos de injustiça, solidão e sofrimento; mas só o inferno da morte era total e decisivo. Mas Jesus derrubou suas portas, abrindo assim um caminho que conduz para a plena liberdade da vida (à ressurreição), na dimensão da graça. A este nível podemos falar de reconstrução da realidade, salvação definitiva. Por isso, em princípio, estão (estamos) todos salvos pelo Cristo.

Jesus **“desceu até o inferno”** para encarnar-se plenamente, partilhando a sorte daqueles que morreram. Mas, ao mesmo tempo, **“desceu”** para anunciar-lhes a vitória do amor sobre a morte, revelando-se como Grande Evangelista que proclama a mensagem de libertação definitiva, visitando e libertando os cativos do inferno. Quando afirmamos que Jesus **“desceu aos infernos”** estamos falando desta realidade radical de não-vida, onde Ele revela uma presença **“iluminante”**, abrindo um horizonte de luz a todos que *“jazem na sombra da morte”*. A morte redentora de Jesus estende sua influência até o espaço misterioso dos mortos. Não se trata de uma influência externa; foi Jesus mesmo quem partilhou o estado da morte, do inferno. Sua solidariedade simplesmente é anúncio de Evangelho, é salvação, é extensão inesperada da Misericórdia de Deus.

Em nosso contexto social, o inferno continua se expressando nas diversas opressões da história humana (desde a fome ao cárcere, da exclusão social à enfermidade, da injustiça à intolerância...).

O Papa Francisco nos fala cada dia da necessidade de **“descer aos infernos da história humana”** (lugares de opressão, bolsões de fome, violências, exclusões...) para libertar os homens e as mulheres dos infernos atuais do mundo, esperando a grande libertação de Deus.

O pior inferno é aquele alimentado justamente pelos que se dizem seguidores(as) de Jesus, mas que assumem atitudes preconceituosas e intolerantes, fazem apologia da “posse de armas”, criam guetos sociais, políticos, religiosos..., onde a morte continua tendo a primazia. Neste inferno se situam aqueles que preferem fechar-se em sua violência, de maneira que não aceitam, nem neste mundo nem no novo mundo da páscoa, a graça messiânica e o amor universal de Jesus. Sabemos que Jesus não veio para condenar ninguém; mas se alguém se empenha em manter-se em seu egoísmo e violência, pode converter-se, ele mesmo (apesar da graça de Jesus) em inferno perdurável.

Só acredita n’Aquele que “desceu aos infernos” quem está disposto a descer com Ele e comprometer-se a tirar do inferno tantas pessoas oprimidas, torturadas, violentadas...

Não tenhamos pressa no **Sábado Santo**. Não passemos tão rapidamente da Sexta-feira Santa ao Domingo da Ressurreição. Deixemos que o Sábado Santo estenda suas sombras em nosso interior. Reconhecemos, então, que essa é a chave para entender o que nos acontece e o que acontece na manhã de Páscoa.

Com Jesus, que desce aos “infernos” da humanidade, somos também movidos a descer em direção aos nossos “infernos interiores” (lugar dos traumas não pacificados, das vivências não integradas, das feridas não curadas). Na sombria obscuridade interior há pontos de luz que são alimentados pela presença de Jesus que, na morte e descida, integra tudo e tudo redime. Nada do que é humano é descartado. Nosso interior, a terra, a humanidade, o cosmos... estão grávidos de Ressurreição.

### **Texto bíblico: Lc 23,50-56**

**Na oração:** Como as mulheres, nos afastamos do túmulo para preparar aromas e perfumes. As orações são aromas que o Espírito recolhe em sua taça. A esperança é o perfume que faz ultrapassar a putrefação das intolerâncias e preconceitos.

Na noite do Sábado Santo nos propomos dormir pouco e levantar-nos muito cedo, porque algo surpreendente vai acontecer. A Luz está para chegar. O Espírito ficou sem palavra, mas já sussurra. A voz do silêncio já geme; nele vislumbra-se a chegada da **Vida**. Algo grandioso está sendo gestado.

Da escuridão da morte do Filho de Deus brota a **Luz** de uma esperança nova: a luz da **Ressurreição** reflete-se no rosto das mulheres esperançosas; a transparência feminina da “Ruah” nos mantém no ritmo da espera.

Aproximam-se os rumores de **ressurreição**. É **Páscoa**.

Não basta re-nascer; é preciso assumir nossa condição de responsáveis de uma **Nova Vida**.

